



VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS

Maria Elda Alves de Lacerda Campos – elda.campos@upe.br

Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina, Pernambuco, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-8648-4795>

Elton Gabriel Fernandes de Brito – egfdb@outlook.com

Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina, Pernambuco, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-2428-6851>

Paulo Adriano Schwingel – paulo.schwingel@upe.br

Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina, Pernambuco, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-2935-3403>

RESUMO: A violência é um fenômeno histórico que atinge toda a sociedade, que tem sido abordado nas últimas décadas sob diferentes perspectivas. Trata-se de um problema de origem multifatorial e complexo de grande interesse ao debate público. Em razão da proporção mundial que a situação atingiu, novas investigações foram instituídas a fim de identificar meios de intervir nesse cenário. Tendo isso em vista, este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de analisar a produção científica na área de violência escolar, com foco na epidemiologia. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica sistemática a partir das seguintes bases de dados eletrônicas: Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo/USP e banco da CAPES (Catálogo de Teses e Dissertações e Portal de Periódicos). Ao aplicar os descritores “violência escolar” e “epidemiologia”, foram encontrados 818 estudos, e, após análise, 11 associaram-se ao tema. Os resultados apontaram que a violência experienciada e praticada pelos escolares assumiu diferentes faces, havendo cenários com vítimas e agressores de perfis diversificados. Dentre os principais tipos, as violências psicológica, física, sexual e o *bullying* se destacaram. Além disso, houve prevalência do sexo masculino como agressor e feminino como vítima. Evidenciou-se que o perfil dos familiares é um fator associado ao comportamento dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; violência; estatística; medidas em epidemiologia.

1 INTRODUÇÃO

A temática violência tem sido abordada nas últimas décadas sob diferentes perspectivas. Trata-se de um fenômeno histórico que atinge toda a sociedade, de origem multifatorial e, por isso, torna-se complexo (SACRAMENTO; REZENDE, 2006). Mundialmente, é responsável por levar milhões de pessoas a óbito a cada ano, sendo considerada umas das principais causas de morte entre a população jovem e adulta (DAHLBERG; KRUG, 2007).

No Brasil, esse problema se expressa de forma letal e não letal, gerando impactos maiores para a saúde pública que os de países em situação de guerra (SOUZA; LIMA, 2006). A evolução histórica desse agravo impressiona devido à quantidade de vítimas acometidas, onde os números são tão elevados que se faz necessária a aplicação de outros indicadores para melhor compreender suas características (WAISELFISZ, 2013).

A monitorização dos índices de violência se dá a partir da análise epidemiológica, por meio de dados da declaração de óbito e da autorização de internação hospitalar (MASCARENHAS *et al.*, 2009). Tal ferramenta é importante, pois permite acompanhar as mudanças no seu perfil, assim como contribui fornecendo dados para estudos e planejamentos de ações para intervenção e prevenção de forma intersetorial e interdisciplinar (MASCARENHAS *et al.*, 2009).

A epidemiologia é considerada a ciência que estuda a frequência, distribuição e os fatores determinantes das enfermidades, danos à saúde e eventos relacionados à saúde coletiva, propondo medidas específicas de prevenção, controle ou erradicação dos problemas de saúde. Portanto, é um campo científico fundamental na área da saúde pública, uma vez que proporciona a compreensão do processo saúde-doença no âmbito das populações e fornece indicadores que subsidiam o planejamento, a administração e avaliação das ações de saúde (LAST, 1995; ROUQUAYROL; GURGEL, 2017).

De acordo com Organização Mundial da Saúde (OMS), violência corresponde ao “uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações” (KRUG *et al.*, 2002, p.5). Ou seja, a consumação desse agravo está intrinsecamente associada à intenção de praticá-lo, independente das consequências a quem for dirigido.

A violência escolar apresenta conceituações diferentes. No estudo de Charlot (2002), é categorizada em três diferentes níveis: violência na escola, violência contra a escola e violência da escola. A violência na escola se caracteriza por manifestações que ocorrem no cotidiano do espaço escolar. A violência contra a escola abrange atos de vandalismo, incêndios, roubos ou furtos do patrimônio. E a violência da escola consiste em práticas nas quais a própria instituição prejudica seus membros.

Segundo Debarbieux (2002), para compreender o fenômeno da violência escolar é essencial considerar o contínuo entre o que for passível de punição penal e todo e qualquer ato de transgressão e incivilidade no âmbito escolar, como a violência verbal, o descumprimento de regras, o desrespeito aos professores e colegas, entre outros. Para o autor, violência escolar não pode ser considerada apenas o que for inerente a punição penal, pois dessa forma impossibilitará o reconhecimento necessário às vítimas que sofrem formas de violência mais sutis e que se manifestam em maior número no espaço escolar.

A violência no ambiente escolar, configura-se em um assunto de grande interesse ao debate público e é discutida de forma ampla (SILVA; ASSIS, 2018). A prática de atos violentos entre estudantes tem sido descrita em escolas de todo o mundo, o que despertou novas investigações

nas últimas décadas que buscam identificar formas de agir diante desse comportamento nas instituições de ensino (ASSIS; CONSTANTINO; AVANCI, 2010).

Considerando a relevância social e a importância de caracterizar esse problema em questão, o presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de analisar a produção científica na área de educação, com foco na violência escolar e abordagem na estatística e epidemiologia.

2 MÉTODO

Para a concepção deste estudo, realizou-se uma revisão bibliográfica sistemática com abordagem voltada à temática violência escolar. As informações pertinentes a sua construção foram obtidas a partir das seguintes bases de dados eletrônicas: Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo/USP e no banco da CAPES (Catálogo de Teses e Dissertações e Portal de Periódicos).

Não foi estabelecido um período como critério para a escolha das publicações sobre o assunto, a fim de se obter uma quantidade maior de trabalhos relacionados ao objeto do estudo e assim poder proporcionar uma abrangência em torno do tema e além disso, considerou-se o número reduzido de publicações brasileiras enfatizando o contexto epidemiológico. Optou-se pela busca baseada na delimitação temporal padronizada pelas bases de dados utilizadas. Assim, os intervalos disponibilizados para o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES foi o período de 1987 a 2018, para o Portal de Periódicos da CAPES foram avaliados os trabalhos publicados entre 1999 e 2018 e, no banco da Biblioteca da USP foi utilizado o período antes de 2003 e após 2003.

No levantamento de publicações, foram empregados os descritores “violência escolar” e “epidemiologia”. Além disso, implementou-se o refinamento de pesquisa pela opção “periódicos revisados por pares”, tanto no Portal e Periódicos quanto na Biblioteca da USP.

Seguiu-se para a seleção dos dados obtidos, que aconteceu em duas etapas. Na primeira, utilizando a abordagem quantitativa, selecionaram-se as publicações pelo número expressivo do tema em foco. Em seguida, remeteu-se à abordagem qualitativa a fim de qualificá-las para posterior análise. Tendo isso em vista, os critérios para elegê-las foram a proximidade do título ao tema e, em seguida, exclusão daquelas que não se relacionavam com o estudo a partir da leitura de seus respectivos resumos e estudos que estavam em mais de uma base de dados.

A técnica aplicada para a organização e análise dos dados foi a Análise de Conteúdo, que, segundo Minayo (2007), é desenvolvida em três etapas. Na primeira, denominada pré-análise, realizou-se a leitura do material selecionado; na segunda, conhecida como exploração do material,

ocorreu a organização do conteúdo; por fim, a partir da última etapa, que consiste na interpretação, foi possível elaborar inferências acerca dos dados.

O conteúdo foi sistematizado em duas categorias referentes às bases de dados utilizadas e o material foi disposto conforme o local de onde foi retirado. Então, fez-se a descrição e posterior discussão dos principais resultados.

Essas informações estão apresentadas de acordo com as etapas de seleção das publicações. Na primeira seção, foi realizada a exposição dos dados quantitativos com algumas considerações de cunho descritivo. Em seguida, foi descrito o conteúdo dos estudos analisados e identificados conforme o endereço eletrônico de origem. Por fim, os dados foram discutidos com base nos apontamentos de cada pesquisa.

Foram estabelecidos os mesmos critérios de inclusão para todas as bases de dados utilizadas nesse trabalho, no qual considerou-se a proximidade do título, resumo, estudo completo relacionados ao tema, sendo excluídos aqueles que fugiram à temática e artigos encontrados em mais de um banco de dados. Dos 496 artigos identificados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, restaram 10 textos empregando esses critérios. No Portal de Periódicos da CAPES, foram localizados 164 artigos, porém apenas 9 obedeceram aos critérios mencionados. Na Biblioteca da USP, das 158 publicações somente 7 estavam de acordo com os requisitos. Com isso, dos estudos selecionados pelo título, totalizaram 26 trabalhos. Considerando a análise dos resumos, foram excluídos 10 artigos que não se enquadravam no objeto desse estudo, restando 16 pesquisas. Foram excluídos ainda 5 estudos por estarem em mais de um banco de dados. Por fim, apenas 11 trabalhos foram considerados para a condução desse estudo.

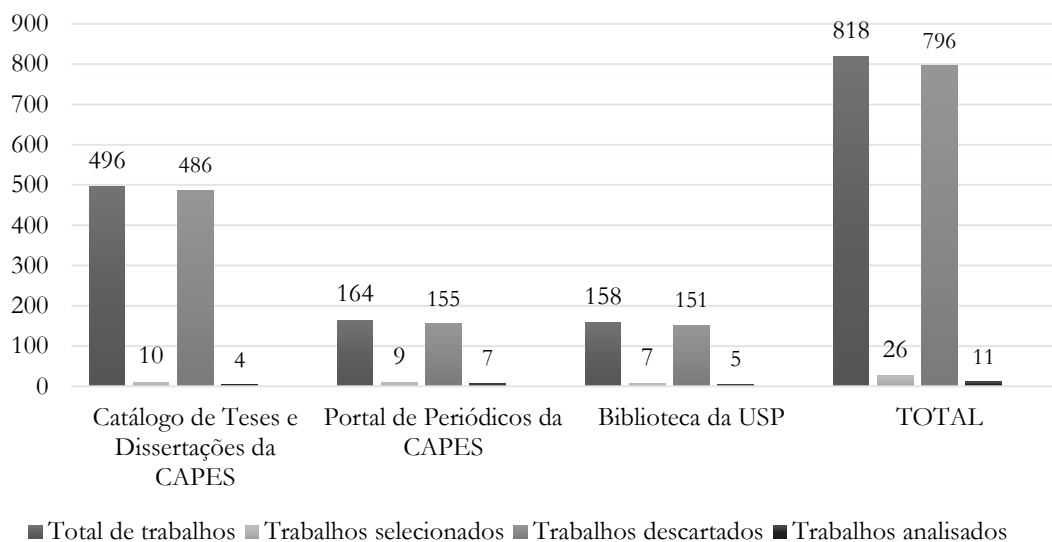
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em uma primeira busca, empregou-se os descritores “violência escolar” e “epidemiologia” nas três bases de dados utilizadas. A partir do banco da CAPES, 496 trabalhos foram identificados no Catálogo de Teses e Dissertações, dentre os quais foram selecionados 10 (dez); e 164 no Portal de Periódicos, onde 9 (nove) foram escolhidos. Na Biblioteca da USP, 158 publicações foram identificadas, sendo 7 (sete) selecionadas. Nessas duas últimas bases de dados, a consulta foi refinada pela opção “periódicos revisados por pares”. Considerando todas as buscas, totalizou-se 818 produções.

Todavia, a partir da leitura dos seus respectivos títulos, 26 trabalhos aproximaram-se da temática violência escolar. Com a apreciação dos resumos, foram excluídos 10 trabalhos devido fuga ao tema, restando 16 estudos para análise completa do artigo. É importante destacar a semelhança de resultados identificada tanto no Portal de Periódicos da CAPES, como também na

Biblioteca da USP. Observou-se que, dos trabalhos selecionados da Biblioteca da USP, todos estavam contidos no Portal de Periódicos da CAPES. Portanto, excluindo os trabalhos duplicados (5), restaram apenas 11 (Figura 1).

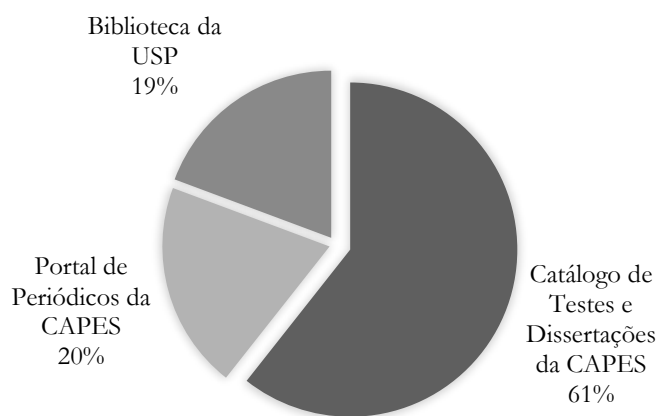
Figura 1 – Distribuição dos trabalhos identificados segundo as bases de dados pesquisadas



Fonte: organizado pelos pesquisadores

Durante a consulta, evidenciou-se uma diferença entre o número de publicações expresso em cada base de dados. O percentual de trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações foi superior em relação aos demais bancos (Figura 2). Uma possível justificativa é a composição de estudos desse banco, já que abrange títulos da pós-graduação brasileira de forma geral.

Figura 2 – Distribuição proporcional de trabalhos segundo a base de dados



Fonte: organizado pelos pesquisadores

3.1 DESCRIÇÃO DOS ESTUDOS

Nesta seção, foram descritos os principais resultados dos trabalhos encontrados que abordam a temática, onde cada um foi disposto de acordo com a base de dados em que foi identificado.

3.1.1 CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES

Ocorrência e características da violência sofrida e exercida por adolescentes escolares de Cuiabá, MT

Alencastro (2014) realizou uma investigação, por meio de questionário autoaplicável, com 2.786 adolescentes escolares de Cuiabá, capital mato-grossense, sobre a ocorrência da violência e as suas características. Seu estudo evidenciou que quase metade (44,4%) dos indivíduos estão envolvidos em situações dessa ordem, sendo que desse grupo 36,9% é representado por vítimas, 27,0% por agressores e 36,1% tanto por vítimas quanto agressores. Além disso, demonstrou que grande parte dos adolescentes nessas circunstâncias se declarou de etnia e/ou com cor de pele parda, na faixa etária compreendida entre 16 e 17 anos e no primeiro ano do ensino médio, com predomínio do sexo feminino na situação de vítima. Com isso, a autora concluiu que o *bullying* e a violência física se sobressaíram dentre os demais tipos de violência escolar reportada, apontando a necessidade de intervenções no sentido de prevenir e enfrentar a violência sofrida e exercida na adolescência.

Prevalência e fatores de risco associados a indicadores de violência física em adolescentes: análise comparativa entre os anos 2006 e 2011

Em sua dissertação, Queiroz (2016) analisou, em um período de 05 anos, as mudanças nas estimativas da prevalência e na associação dos indicadores de violência física de acordo com as variáveis de comportamento em adolescentes. A partir disso, o autor demonstrou que houve diminuição na frequência dos indicadores de violência física, redução no número de adolescentes expostos aos indicadores comportamentais e nenhuma alteração relacionada ao uso de drogas ilícitas. Apesar desses resultados, o autor concluiu que a exposição a variáveis comportamentais aumentou o risco de envolvimento com a violência física.

Vivências de situações de violências por crianças e adolescentes de 11 a 18 anos moradoras do Recanto das Emas, Distrito Federal

Com o objetivo de caracterizar e compreender as manifestações da violência entre crianças e adolescentes entre 11 e 18 anos de idade em escolas públicas, Ribeiro (2015) aplicou um questionário em 368 indivíduos, selecionados de maneira aleatória, para analisar as modalidades abusos físicos, psicológicos e sexuais. Seu estudo evidenciou a frequente fragmentação do núcleo

familiar, demonstrando que menos de 50% das crianças moram com seus genitores, bem como a insegurança sentida no ambiente escolar associada à alta prevalência de violência física (85,4%), psicológica (62,5%) e de cunho sexual (34,7%). O autor concluiu que tanto no Brasil, quanto em pesquisas internacionais sobre a temática, o comportamento violento é comum entre crianças e adolescentes.

Violência sofrida e perpetrada: estudo epidemiológico com escolares da rede pública de ensino em Fortaleza-CE

Savioli (2015) analisou a epidemiologia da violência sofrida e perpetrada por adolescentes de escolas pública de Fortaleza (CE), mediante entrevista com 360 estudantes. Sua investigação revelou altas prevalências nas formas de violência psicológica e física, frequentemente na fase da pré-adolescência, na escola e entre os pares, evidenciando que as relações sociais são baseadas na agressividade e na resolução de conflitos. A autora concluiu que tanto a instituição família, quanto a escola necessitam de maior espaço nas agendas políticas e na gestão pública para promover a civilidade e sensibilização desse público.

3.1.2 PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES E BIBLIOTECA DA USP

A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015

Ao analisar os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2015), Mello *et al.* (2017) verificaram a conexão entre *bullying* e variáveis sociodemográficas, de saúde mental e de comportamentos de risco em escolares. Os autores descreveram as principais características desse tipo de violência entre os estudantes, destacando que a maioria dos agressores são do sexo masculino, de escola privada e de mães com maior escolaridade. Também, ressaltaram a participação da instituição de ensino na produção e gestão da violência, concluindo que a saúde e a educação necessitam estabelecer um ambiente cuidador para promover a saúde individual e coletiva por meio da intersectorialidade e da prática interdisciplinar.

Agresividad en los escolares y su relación con las normas familiares

Martínez *et al.* (2008) investigaram de que forma as relações familiares se associam com a agressividade entre crianças das escolas públicas de Pereira, município da Colômbia. Os autores constataram que há conexão entre comportamento não agressivo da criança e possuir habilidades pessoais para resolver conflitos por parte do cuidador. Também, consideraram relevante a associação entre o padrão violento do cuidador e a alta agressividade da criança, bem como entre as normas de controle do cuidador e o comportamento agressivo das crianças.

Bullying e fatores associados em adolescentes da região sudeste segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

Em outro estudo baseado nos dados da PeNSE 2012, Melo *et al.* (2016) avaliaram a prevalência das vítimas de *bullying* em escolares da Região Sudeste para analisar a sua associação com variáveis individuais e de contexto familiar. Os autores ressaltaram que esse tipo de violência sujeita os estudantes à situação de vulnerabilidade, destacando que as variáveis pessoais, familiares, escolares, sociais e culturais desempenham um papel determinante nesse processo. Diante disso, concluíram que a prevenção e a minimização do *bullying* na escola devem ser fundamentadas no conceito de promoção da saúde e integralidade do cuidado.

Bullying em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012)

Ao analisar as informações produzidas pela PeNSE 2012, Malta *et al.* (2014) descreveram a vitimização e a prática de *bullying* em escolares brasileiros para comparar sua evolução. O estudo evidenciou que, dos adolescentes que relataram não ser bem tratados pelos colegas (27,5%), o perfil se constitui de meninos mais velhos, entre 15 e 16 anos de idade, alunos de escola pública, de etnia/cor preta, cujas mães tinham menor escolaridade. Daqueles que relataram ter sofrido *bullying* (7,2%), revelou-se que a maior chance é entre alunos de 13 anos de idade, do sexo masculino, das etnias/cor preta e indígena/vermelha, cujas mães tinham menor escolaridade. O *bullying* foi praticado por 20,8% dos escolares, destacando que o perfil dos agressores se constitui de alunos mais velhos, entre 14 e 15 anos de idade, do sexo masculino, etnias/cor preta e oriental/amarela, de escola privada, filhos de mães com maior escolaridade. Com isso, concluíram que o contexto escolar brasileiro tem se tornado espaço de reprodução da violência, sendo importante atuar de maneira intersetorial.

Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009

Baseando-se na PeNSE 2009, Malta *et al.* (2010) realizaram um estudo em escolas públicas e privadas das 26 capitais dos estados brasileiros. Os autores analisaram as respostas dos questionários autoaplicáveis de estudantes do 9º ano, onde descreveram a ocorrência de *bullying* entre colegas de escola. A investigação permitiu concluir que o ambiente de ensino, seja público ou privado, constitui-se em um espaço que reproduz a violência, sendo necessário um trabalho conjunto com outras instituições para o enfrentamento dessa problemática e, assim, promover a qualidade de vida individual e coletiva.

Maltrato entre iguales e intento suicida en sujetos adolescentes escolarizados

Com o objetivo de conhecer a associação da violência entre pares e intenção suicida em adolescentes escolarizados, Valadez *et al.* (2011) aplicaram questionário em 723 indivíduos para avaliar as dificuldades escolares, ideias e pensamentos suicidas, sentimentos de solidão e abandono, isolamento e antecedente de intenção suicida. A partir disso, os autores concluíram que as experiências de vitimização sujeitam o adolescente a maior risco de comprometer a sua esfera psicossocial, destacando a importância de direcionar as medidas de prevenção tanto para os processos de vitimização, como também para a presença do fenômeno suicida.

Situações de violência vivenciadas por estudantes nas capitais brasileiras e no distrito federal: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012)

Malta *et al.* (2014) analisaram os eventos violentos experienciados por adolescentes no ambiente escolar, em seus arredores e no contexto familiar, comparando aos resultados da PeNSE 2009. Os autores identificaram prevalência de insegurança no percurso entre casa e escola (9,1%), na escola (8%), agressão física nos últimos 12 meses (18,2%), envolvimento em brigas no últimos 12 meses (20,7%), briga com arma branca (8,3%), briga com arma de fogo (6,9%), agressão física por membro da família (11,6%) e ter sido seriamente ferido nos últimos 12 meses (10,3%). Assim, concluíram que adolescentes estão expostos a formas variadas da violência, destacando a importância dos dados da pesquisa para o planejamento de ações preventivas.

3.2 DISCUSSÃO

O objetivo desta revisão bibliográfica foi analisar a produção científica na área de violência escolar sob uma perspectiva epidemiológica. A maioria dos dados revela que, daqueles estudantes que foram investigados, menos da metade envolveu-se em situações de violência. Contudo, é importante destacar que três estudos expressaram uma frequência de casos superior à metade dos sujeitos pesquisados.

De acordo com Ribeiro (2015), 85,4% dos participantes da sua pesquisa referiram sofrer abuso físico, enquanto 62,5% relataram experiências de agressão psicológica, o que concorda com os resultados obtidos por Savioli (2015), onde maior número de escolares mencionou ter sido acometido por ataques dessa ordem (61,1%). Entretanto, apesar de encontrarem os mesmos resultados acerca da vitimização por violência psicológica, Savioli (2015) descreveu que metade dos envolvidos revelaram também perpetrar o ato. O estudo de Malta *et al.* (2014) sobre *bullying* em escolares brasileiros destacou que grande parte dos estudantes (55,5%) se envolveu em situações

violentas, caracterizando essa forma de violência como a mais prevalente em comparação às demais.

A violência é considerada um fenômeno complexo e dinâmico, e, por isso, apresenta-se de diversas formas e em diferentes níveis. Os resultados das investigações aqui apresentadas refletem isso, pois, ao avaliar o contexto educacional, ela fica evidente entre os demais problemas. Nesse sentido, ao examinar de que maneiras os escolares vivenciaram tal abuso, os seguintes tipos se destacaram: violência psicológica, violência física, violência sexual e *bullying*.

As formas de violência apresentadas nos estudos demonstram que há predominância do *bullying* em relação às demais (ALENCASTRO, 2014; MALTA *et al.*, 2010; MALTA *et al.*, 2014; MELLO *et al.*, 2016; MELLO *et al.*, 2017). O *bullying* é caracterizado por toda conduta intencional e repetitiva de cunho agressivo, resultante do desequilíbrio de poder, manifestada por meio de violência física, verbal e psicológica (MELLO *et al.*, 2017).

O cenário apresentado sugere a necessidade de adoção de medidas para sensibilizar os estudantes sobre as consequências dessa forma de abuso, que pode afetar de maneira drástica o desempenho dos alunos, com sequelas em idades mais avançadas (QUEIROZ, 2016; RIBEIRO, 2015; MELLO *et al.*, 2016; MALTA *et al.*, 2014). Sabendo-se que a fase escolar é importante para a construção e aprimoramento das habilidades sociais e cognitivas dos escolares, tal período deve ser livre de adversidades que possam prejudicar seu desenvolvimento.

A partir da análise, verificou-se prevalência de agressores homens, indicando que o sexo dos estudantes é um fator que predispõe às situações de violência. Em contrapartida, as mulheres aparecem em maior parte como vítimas. Uma possível justificativa para tal fato pode residir no resultado do contexto histórico da sociedade, onde os direitos do sexo feminino não foram reconhecidos por um longo período, tornando-o submisso em relação ao seu oposto (ALENCASTRO, 2014).

Sobre o assunto, Mello *et al.* (2017) enfatizou que, independentemente da diversidade sociocultural entre os países, meninos possuem estilos mais agressivos de interagir quando comparados às meninas. É importante ressaltar que a maneira de se trabalhar as questões de gênero nos ambientes sociais, como o escolar, reflete no comportamento dos indivíduos. Com isso, sugere-se que as discussões neste espaço possibilitem a reflexão acerca dos papéis determinados historicamente para cada sexo, a fim de promover a valorização da mulher na sociedade.

Os resultados apontaram que tanto indivíduos de cor de pele parda, quanto preta, sofrem mais violência em relação às demais etnias/cores. Entretanto, esse não foi um tema que recebeu destaque na literatura utilizada, pois apenas dois trabalhos formularam possíveis justificativas para fomentar a compreensão desse fato. Estudos recentes identificaram que características étnico-

raciais constituem fator de risco para determinadas condições de saúde, sendo a etnia/cor de pele preta (vulgarmente e de forma errônea denominada de raça negra) a mais vulnerável (MALTA *et al.*, 2014; ALENCASTRO, 2014).

De acordo com Malta *et al.* (2014), pesquisas realizadas em escolas estadunidenses demonstraram que escolares afro-americanos tiveram maior chance de se tornar vítimas em situações violentas quando comparados aos alunos tidos como caucasianos. O *bullying* se destacou como a forma de agressão sofrida (conforme já apontado por outros autores) e, dentre as causas que o motivaram, ressalta-se a intolerância contra negros e contra aqueles que não estão de acordo com padrões estéticos estabelecidos socialmente.

Alencastro (2014), por outro lado, chama atenção para estudos que discorrem sobre a associação entre violência e raça/etnia/cor de pele. O processo de miscigenação, de acordo com a autora, possivelmente justifica o fato de pessoas da cor de pele parda aparecerem em grande parte como vítimas desse ato, visto que se enquadram como intermediárias da mistura entre as etnias/cor de pele caucasiana/branca e preta, decorrente da colonização ocorrida no Brasil. Com base nestes achados, é fundamental que a instituição de ensino reverta situações dessa ordem. Recomenda-se a introdução de grupos de debate em que as discussões sejam pautadas no respeito às diferenças étnico-raciais, pois reconhecendo a importância da diversidade será possível promover a reflexão dos escolares.

Também se investigou as particularidades das situações violentas vivenciadas na escola. A partir disso, verificou-se que a faixa etária mais vitimizada é a de adolescentes entre 10 e 13 anos de idade. Conforme apresentado anteriormente, a fase escolar se configura como o período no qual os aspectos sociais e cognitivos estão em construção, logo, a presença desse índice na vida dos estudantes pode impedir que esse momento tenha pleno desenvolvimento, acarretando em consequências futuras (QUEIROZ, 2016; RIBEIRO, 2015; MELLO *et al.*, 2016; MALTA *et al.*, 2014).

Em contrapartida, Mello *et al.* (2017) constataram em seu estudo que os escolares com idades mais avançada apareceram com menor frequência associados à prática de atos violentos. Como possível justificativa, os autores adotaram a ideia de que, por possuírem maior desenvolvimento físico, talvez os indivíduos compreendam melhor a natureza prejudicial do *bullying* para a vida dos seus colegas ou porque têm receio de os professores interpretarem que as agressões praticadas possuem maior gravidade, empregando punições mais severas.

Para minimizar a realidade preocupante que assola os estudantes mais novos, é interessante que a gestão escolar promova oficinas e debates sobre os efeitos adversos que a agressividade pode gerar tanto para as vítimas, quanto para os agressores. Esses momentos poderiam também envolver

os familiares, a fim de incentivar que a discussão acerca do assunto se expanda ao ambiente doméstico.

Quando se trata da segurança escolar, o estudo de Alencastro (2014) indicou que os alunos se sentem inseguros em relação ao ambiente, referindo-o como desprotegido. Ademais, os estudantes afirmaram essa questão vai além desse espaço, envolvendo o seu entorno e o acesso. Segundo Mello *et al.* (2017, p.6) “o entorno e o ambiente nas proximidades da escola sendo violentos aumentam os riscos de violência na escola”, sendo necessário que as medidas de proteção sejam ampliadas para além da instituição.

Apesar disso, chama atenção que, embora assumam não sentir confiança no ambiente escolar, a maioria dos alunos pesquisados afirmou gostar de frequentar o local (RIBEIRO, 2015). É evidente que a produção de violência se tornou comum na escola, dentre as principais o *bullying*, mas também é consenso que essa instituição não é a única agente responsável. A situação vai além, pois trata-se de uma configuração determinada por variáveis pessoais, familiares, escolares, sociais e culturais (MELLO *et al.*, 2016; MELLO *et al.*, 2017). Isso demonstra que é essencial questionar a maneira pela qual os diferentes fatores de socialização atuam e interferem na vida do escolar.

Por representar um importante espaço de interação e aprendizado (RIBEIRO, 2015), a escola deve agir diante da emergência de comportamentos agressivos (ALENCASTRO, 2014) também por meio de atividades extraclasse que se utilizem das metodologias ativas, formando grupos de apoio. Como a violência possui diversas faces, demais setores e áreas podem ser acionados, pois, o trabalho intersetorial e interdisciplinar pode permitir que o combate a essa problemática seja potencializado (MALTA *et al.*, 2010).

Nos estudos de Ribeiro (2015) e Savioli (2015), os escolares pesquisados declararam haver violência no ambiente doméstico e citaram “puxões de orelha, ser colocado de joelho no milho e ameaças a partir de más notas” (Ribeiro, 2015, p.50). Mello *et al.*, (2017) apontam que, dentre as características da família, estudantes que relataram violência em casa e faltar às aulas sem comunicar aos pais praticaram mais *bullying*. Diante da magnitude desse problema, é imprescindível a oferta de suporte e apoio às vítimas e membros familiares. Sugere-se que as instituições de ensino promovam reuniões comunitárias para dialogar com as famílias, estimulando ações que fortaleçam os laços entre seus componentes e os sensibilize da importância de manter um bom relacionamento dentro de casa.

A escolaridade dos pais também foi investigada para identificar uma possível associação com a violência praticada ou sofrida por crianças e adolescentes escolares. As informações coletadas indicaram que estas condições se inter-relacionaram com o passar dos anos. Em 2010,

ao relacionar dados da PeNSE realizada em 2009 sobre bullying nas escolas brasileiras, não houve conexão significativa entre a prática violenta e o grau de ensino dos pais (MALTA *et al.*, 2010).

Nos anos de 2014 e 2016, cruzamentos matemáticos entre as mesmas variáveis, porém com dados da PeNSE 2012, indicaram que maior escolaridade materna representa tanto proteção em qualquer faixa etária, quanto fator que sujeita os indivíduos à violência (MALTA *et al.*, 2014; MELLO *et al.*, 2016). Em 2017, ao relacionar as variáveis em discussão com os dados apresentados na PeNSE 2015, os resultados indicaram que quanto maior a escolaridade da mãe, maiores são as chances do filho ser agressor, coincidindo com o que outros estudos também apontaram (MELLO *et al.*, 2017; QUEIROZ, 2016).

Essas informações surpreendem uma vez que é esperado das mães com maior escolaridade um maior nível de conhecimento acerca da educação dos filhos, e que elas consigam atuar na resolução de conflitos impondo limites adequados, e que atendam necessidades e dificuldades nas interações dos filhos com outros estudantes. Assim sendo, é importante incluir os pais nas atividades realizadas na escola visando promoção de debates sobre a temática violência, pois é necessário que as características e consequências dos atos violentos durante o período escolar sejam esclarecidas. Outra medida essencial seria investir na educação de todos os atores da comunidade escolar (MELLO, *et al.*, 2017; ALENCASTRO, 2014), permitindo que pais e responsáveis participem dos processos decisórios da escola.

Ao analisar a variável “emprego”, há divergência entre os estudos. Em referência a um estudo realizado na Colômbia, Alencastro (2014) descreveu que mais da metade dos participantes em situação de desemprego referiu sofrer ou praticar violência. Partindo desse pressuposto, a autora discorreu que estar empregado nessa fase pode ser positivo, pois contribui para que o estudante se desenvolva profissionalmente, já que “seriam assumidas responsabilidades adultas, estimulando inclusive a busca de qualificação” (*ibid.* p.47-48), impedindo que o indivíduo ocupe seu tempo livre em ambientes instáveis.

Entretanto, em estudos mais recentes Mello *et al.* (2016) e Mello *et al.* (2017) encontraram resultados que divergiram das informações anteriores. Segundo os dois artigos previamente publicados, o trabalho nessa fase pode oportunizar maior contato com adultos e, por conseguinte, exposição mais frequente a comportamentos de risco como o consumo de bebidas alcólicas, tabaco e abertura para o mundo das drogas. E, referindo-se à investigação realizada nos Estados Unidos, apontaram que esses fatores aumentam a probabilidade de envolvimento com o *bullying*.

É importante ressaltar que há programas de qualificação profissional para jovens, como o Programa Menor Aprendiz. Neste, por sua vez, destaca-se que os estudantes desempenham funções com carga horária reduzida e condições apropriadas de trabalho. Diante do cenário

apresentado, sugere-se a reformulação de projetos dessa natureza para que não interfiram no desenvolvimento dos escolares.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) abordou o tema violência considerando em sua definição, dentre outras coisas, condutas que lesem ou afetem o bem dos indivíduos ou comunidades, abrangendo também atos suicidas. Algo constante em torno da discussão aqui realizada foi a forma que a exposição das crianças e adolescentes à violência pode repercutir em seu crescimento e desenvolvimento, frisando a importância de garantir que essa fase seja livre de adversidades.

Conforme Martinez *et al.* (2008), a agressão experimentada pelos alunos em ambiente doméstico constitui fator de risco para depressão, desespero, abuso de álcool, suicídio, violência contra colegas, dentre outros comportamentos antissociais. Em seu estudo, Valadez *et al.* (2011) encontraram como resultado que há associação entre o processo de vitimização sofrida por escolares e o aumento de risco suicida e desajustes psicossociais. Na investigação de Mello *et al.* (2016), os autores apontaram que ao sofrer *bullying*, crianças e adolescentes ficam sujeitos à dificuldade de concentração, baixa autoestima, ansiedade, bem como à ideação, tentativa e consumação do suicídio.

Nesse contexto, recomenda-se que as instituições de ensino desenvolvam estratégias de intervenção, pois é o local em que os escolares passam grande parte do seu tempo. Uma possível alternativa é a capacitação dos educadores para identificar condutas que representem risco para o estudante, assim como a criação de grupos de apoio que incentivem às vítimas a expor sua experiência para que seja possível conduzir a questão a uma solução. Também, sugere-se que haja associação com as instituições de saúde a fim de orientar políticas públicas com o propósito de reduzir a magnitude do problema.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscou-se analisar a violência escolar com abordagem na epidemiologia. Foi possível concluir que a literatura investigada contribuiu para a compreensão dos aspectos envolvidos nas relações entre os estudantes e deles com a instituição escolar. A experiência da violência vivenciada pelos estudantes assumiu diferentes faces, havendo cenários com vítimas e agressores de perfis diversificados. Independentemente da maneira que esse comportamento é expresso, urge o planejamento de ações para intervenção, pois a fase escolar constitui-se em um período de desenvolvimento sociocognitivo dos estudantes, e interferências nesse processo podem gerar sequelas em longo prazo.

A dinamicidade da violência é um empecilho quando o tema é posto em pauta, visto que as formas e níveis em que se apresenta a tornam complexa. Isso foi identificado durante a interpretação dos dados, que apontaram diferentes tipos, como violência psicológica, física, sexual e *bullying*. Nos estudos analisados, o *bullying* foi identificado como uma das formas de violência mais predominante no espaço escolar. Diante disso, a situação requer o trabalho articulado entre setores da sociedade, como educação e saúde, para que seja conduzida de forma abrangente.

A prevalência do sexo masculino como agressor e feminino como vítima indicou que a discrepância de poder também é produzida no contexto escolar, já que as interações dos meninos foram de cunho mais agressivo em relação às meninas. Nesse contexto, seria essencial promover atividades que sensibilizem os estudantes, inserindo debates sobre a importância do convívio saudável, a fim de poder garantir a civilidade nas relações.

A inserção dos escolares em atividades profissionalizantes na literatura analisada é contraditória em relação aos efeitos das ocupações dos alunos sobre seu desempenho escolar e comportamento. Mais estudos são necessários para determinar a qualidade de vida do indivíduo, já que foram identificados pontos positivos e negativos na literatura.

Importante ressaltar que, em alguns trabalhos analisados, investigou-se a associação entre variáveis como escolaridade dos pais, estrutura familiar e emprego com a prática da violência. Todavia, destaca-se que Projeto Político Pedagógico (PPP), desempenho escolar e outros fatores inerentes à estrutura da instituição não foram abordados nos estudos, fato que impossibilitou essa discussão. Dada a importância do engajamento da gestão escolar na minimização e/ou resolução dos conflitos desencadeados nesse ambiente, bem como buscando dirimir dúvidas quanto a possível culpabilização desses atores frente a violência escolar, sugere-se que novas pesquisas sejam empreendidas analisando também a participação da escola nesse processo.

Finalmente, ficou evidente que a violência vivenciada pelos estudantes no ambiente escolar está associada à perpetração do ato durante o decurso dos jovens e adolescentes nesta fase da vida. Possivelmente, as ações de prevenção para a agressão escolar poderiam envolver não somente as vítimas e os agressores, mas também os espaços em que é produzida.

A escola é o ambiente em que o aluno passa grande parte do seu tempo, logo, seria importante que os gestores escolares pudessem assumir a responsabilidade de identificar e corrigir o problema. Porém, deve-se enfatizar que a instituição não pode conduzir a questão isoladamente, pois a violência é um processo multifatorial e complexo, sendo imprescindível que outras esferas sociais atuem de forma interdisciplinar e intersetorial diante da situação.

5 REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Lidiane Cristina da Silva. **Ocorrência e características da violência sofrida e exercida por adolescentes escolares de Cuiabá, MT.** 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

ASSIS, Simone Gonçalves de (Org.); CONSTANTINO, Patrícia (Org.); AVANCI, Joviana Quintes (Org.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** Sociologias, Porto Alegre v. 4, n. 8, p. 432-443, 2002.

DAHLBERG, Linda Lee; KRUG, Etienne. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1163-1178, 2006.

DEBARBIEUX, Éric. Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas.** Brasília, DF: Unesco, 2002. p. 57-87.

KRUG, Etienne *et al.* (Org.) **Relatório mundial sobre violência e saúde.** Genebra, Organização Mundial da Saúde, 2002.

LAST, John. Murray. **A dictionary of epidemiology.** 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 1995.

MALTA Deborah Carvalho *et al.* Situações de violência vivenciadas por estudantes nas capitais brasileiras e no Distrito Federal: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 17, p. 158-171, 2014.

MALTA, Deborah Carvalho *et al.* Bullying em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 17, p. 92-105, 2014.

MALTA, Deborah Carvalho *et al.* Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 3065-3076, 2010.

MARTÍNEZ, José William *et al.* Agresividad en los escolares y su relación con las normas familiares. **Revista Colombiana de Psiquiatria**, Bogotá, v. 37, n. 3, p. 365-377, 2008.

MASCARENHAS, Márcio Dênis Medeiros *et al.* Perfil epidemiológico dos atendimentos de emergência por violência no Sistema de Serviços Sentinelas de Vigilância de Violências e Acidentes (Viva) - Brasil, 2006. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 17-28, mar. 2009.

MELLO, Flávia Carvalho Malta *et al.* A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2939-2948, 2017.

MELLO, Flávia Carvalho Malta *et al.* Bullying e fatores associados em adolescentes da Região Sudeste segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 19, p. 866-877, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: NJAINE, Kathie; CONSTANTINO, Patrícia; ASSIS, Simone Gonçalves de. **Impactos da Violência na Saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. p. 21-42.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007. 406 p.

QUEIROZ, Daniel da Rocha. **Prevalência e fatores de risco associados a indicadores de violência física em adolescentes: análise comparativa entre os anos 2006 e 2011**. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado em Hebiatria) – Universidade de Pernambuco, Camaragibe.

RIBEIRO, Iglê Moura Paz. **Vivências de situações de violências por crianças e adolescentes de 11 a 18 anos moradoras do Recanto das Emas, Distrito Federal**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, Brasília.

ROUQUAYROL, Maria Zélia; GURGEL, Marcelo. **Epidemiologia e Saúde**. 8. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2017.

SACRAMENTO, Livia de Tartari; REZENDE, Manuel Morgado. Violências: lembrando alguns conceitos. **Aletheia**, n. 24, p. 95-104, dez. 2006.

SAVIOLI, Kátia Costa. **Violência sofrida e perpetrada: estudo epidemiológico com escolares da rede pública de ensino em Fortaleza-CE**. 2015. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Pós-Graduação em Saúde Pública, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SILVA, Flaviany Ribeiro da; ASSIS, Simone Gonçalves. Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, 2018.

SOUZA, Edinilsa Ramos de; LIMA, Maria Luiza Carvalho de. Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, p. 1211-1222, 2006.

VALADEZ, Isabel *et al.* Maltrato entre iguales e intento suicida em sujetos adolescentes escolarizados. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 9, n. 2, p. 783-796, 2011.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2013: homicídios e juventude no Brasil**. 2013.

Title

School Violence: an epidemiological analysis of brazilian publications.

Abstract

Violence is a historical phenomenon that affects the entire society, which has been approached in the last decade from different perspectives. It is a problem of multifactorial and complex origin of great interest to the public discussion. Because of the global proportion that such issue has reached, new investigations have been established in order to detect ways to intervening in this scenario. Base on this, this research has worked out to analyze the scientific production in the school violence area, focusing on epidemiology. In order to do this, a systematic bibliographic review was carried out from the following electronic databases: Integrated Library System of University of São Paulo (USP) and CAPES (Theses and Dissertations Catalog and Journal Portal). When applying the descriptions "school violence" and "epidemiology", 818 studies were found, and, after analysis, 11 were associated with the theme. The results pointed out that the violence experienced and practiced by the students took on different sides, having victims and aggressors with different profiles. Among this types, the psychological, physical, sexual and bullying violence stood out. Furthermore, male predominates as aggressor and female as victim. It was evidenced that the family profile is a factor associated to the students' behavior.

Keywords

Education; violence; statistics; epidemiologic measurements.

Recebido em: 19/02/2019.

Aceito em: 10/06/2019.